

LULA E O ESTADO DE S. PAULO: COMO O JORNAL FALA DO PRESIDENTE? ¹

LULA AND O ESTADO DE S. PAULO: HOW DOES THE NEWSPAPER DEPICTS THE PRESIDENT?

Marina Carrano Lelis ²
Carlos Alberto de Carvalho ³

Resumo: Este trabalho analisou os editoriais do jornal O Estado de S. Paulo que mencionam Lula nos anos de 2002, 2006 e 2022, utilizando a teoria fundamentada nos dados para observar as mudanças e/ou permanências do posicionamento do jornal em relação ao político. Foram elaboradas quatro categorias de enquadramento recorrentes: Mentiroso e Enganador; Incompetente, Inapto e Irresponsável; Autoritário e Egoísta; Eleito Illegitimamente. Os recortes dos textos foram categorizados nos enquadramentos propostos e concluiu-se que o jornal manteve uma série de enquadramentos negativos que desqualificam Lula como indivíduo, político e governante desde 2002 até 2022. Esses enquadramentos funcionam como uma espécie de pressuposto para a estruturação discursiva do jornal, indicando uma certa obsessão em torno da perpetuação de uma imagem negativa do político.

Palavras-Chave: Lula. O Estado de S. Paulo. Enquadramento.

Abstract: This study analyzed the editorials of the newspaper O Estado de S. Paulo that mention Lula in the years 2002, 2006, and 2022, using grounded theory to observe the changes and/or permanence of the newspaper's stance towards the politician. Four recurring framing categories were elaborated: Liar and Deceiver; Incompetent, Unfit and Irresponsible; Authoritarian and Selfish; Illegitimately Elected. Excerpts from the texts were categorized into the proposed frames, and it was concluded that the newspaper maintained a series of negative frames that discredit Lula as an individual, politician, and leader from 2002 to 2022. These frames function as a kind of presupposition for the newspaper's discursive structure, indicating a certain obsession with perpetuating a negative image of the politician

Keywords: Lula. O Estado de S. Paulo. Framing.

¹ Trabalho apresentado à Sessão IV de Iniciação Científica – Comunicação, atores e instituições políticas da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Universidade Federal de Minas Gerais, graduanda em Jornalismo, marina.carrano.lelis@gmail.com

³ Orientador do trabalho, professor do curso de Jornalismo UFMG e doutor em Comunicação Social, carloscarvalho0209@gmail.com

1. Introdução

Os discursos midiáticos em torno de determinadas personalidades políticas se mostram, muitas vezes, extremamente distantes da “imparcialidade” e “objetividade” com as quais os grandes veículos de comunicação do país alegam se blindar, de maneira a reafirmar sua legitimidade. O jornal *O Estado de S. Paulo*, também conhecido como “Estadão”, é considerado um dos mais tradicionais jornais do país, publicado desde 1875, e prevê, em seu código de ética, que “manterá isenção quanto às atividades político-partidárias”. Ainda assim, ressalta, no mesmo documento, que “sobre temas de interesse nacional ou da Empresa, o Grupo Estado, por meio da Superintendência, poderá ir a público para manifestar sua posição”. Logo, afirma que, ao mesmo tempo que manterá a isenção, poderá manifestar sua posição, assumindo que ela existe — discurso que, por si só, levanta algumas contradições.

Os cientistas políticos Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel propõem que “a objetividade exige a neutralização ou suspensão do sujeito para que a verdade se apresente” e que, no entanto, segundo os autores, tal suspensão não seria possível ou factível. Biroli e Miguel ressaltam um entendimento da “objetividade” como “um dispositivo que tem papel central na legitimação de discursos hegemônicos no jornalismo, na apresentação de julgamentos como fragmentos de realidade transpostos para o noticiário” (BIROLI; MIGUEL, 2017). Assim, aquilo que se diz “objetividade”, no sentido de manter isenção de quaisquer valores, posicionamentos e perspectivas seria, na verdade, um processo de “objetivação de padrões morais” (Ettema e Glasser, 1998), carregados, inevitavelmente, de tendências, perspectivas e interpretações específicas e não universais, que, no entanto, se fazem passar por universais e neutras.

Ainda assim, *O Estado de S. Paulo* alega que, ao mesmo tempo que em uma página do jornal poderá incorporar-se como sujeito que opina e se posiciona a partir de perspectivas e interesses específicos — dos quais, inevitavelmente, ele é dotado —, na página seguinte será capaz de suspender por completo toda e qualquer influência que tais perspectivas e interesses poderiam exercer sobre o texto redigido e, conseqüentemente, sobre as interpretações em torno dele.

O que este trabalho propõe, portanto, é examinar o discurso desse jornal em torno de determinada personalidade política — Luiz Inácio Lula da Silva (PT) —, em uma tentativa de compreender e observar de que maneira ele se mantém ou se altera ao longo dos anos e quais as margens de interpretação e produção de sentido que são apreendidas a partir disso. Propõe-se entender a partir de que perspectivas o jornal estrutura seu discurso e como elas podem vir a convergir com seus próprios interesses políticos.

Para tal, foi utilizado como recorte empírico para análise os editoriais de *O Estado de S. Paulo* dos anos 2002, 2006 e 2022 que mencionam a palavra “Lula”, dos quais foram recortados trechos considerados representativos ao *corpus*. A escolha de utilizar o discurso relacionado a Luiz Inácio Lula da Silva se deu não só por conta de sua relevância política, mas também pelo fato de ser uma personalidade que guarda relações conflituosas com os grandes veículos de mídia do país, incluindo, principalmente, o jornal *O Estado de S. Paulo*. Lula representa um importante ator político no espectro da esquerda brasileira. Pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), o político é envolvido historicamente com movimentos sindicais e de reivindicação social, e com políticas que valorizam o protagonismo do Estado sobre questões de desigualdade social. *O Estado de S. Paulo* representa uma das maiores empresas jornalísticas do país, que assume fortes tendências liberais e mercadistas, tendo, inclusive, apoiado abertamente o golpe Militar de 1964, assim como uma série de outros grandes veículos.

Além disso, a utilização dos anos de 2002, 2006 e 2022 como referência se deu em razão de serem períodos de eleição presidencial nos quais Lula se manteve como um dos candidatos mais bem posicionados nas pesquisas de intenção de voto, tendo sido eleito pela primeira vez em 2002, reeleito em 2006 e novamente vencedor do pleito em 2022, para um terceiro mandato.

É de extrema importância para a área do jornalismo e da comunicação compreender que as ideias de isenção, neutralidade, imparcialidade e objetividade, ainda que reivindicadas reiteradamente por grandes veículos de mídia como *O Estado de S. Paulo*, se distanciam das possibilidades factíveis de estruturação de um texto, funcionando apenas como uma forma de reproduzir discursos hegemônicos

posicionados (BIROLI, MIGUEL, 2017). Assim, o que este trabalho busca demonstrar é que o discurso de *O Estado de S. Paulo* a respeito de Luiz Inácio Lula da Silva está carregado de valores e perspectivas que se reproduzem de maneira recorrente, a partir dos quais são depreendidas interpretações e sentidos determinados. Pretende-se, então, responder a seguinte pergunta: quais são os enquadramentos realizados pelo jornal *O Estado de S. Paulo* a respeito de Luiz Inácio Lula da Silva e quais as interpretações pretendidas a partir deles?

2. Referenciais teóricos

A noção de *enquadramento* foi desenvolvida por diversos autores com abordagens teóricas diferentes. O sociólogo Erving Goffman foi o primeiro articulador do conceito, segundo o qual enquadramentos (*frames*) seriam “estruturas que orientam a percepção da realidade e a ação dos sujeitos sobre ela” (FABRINO; SIMÕES, 2012). Maurice Mouillaud compartilhou de uma perspectiva que se aproxima do que é proposto por Goffman, e considera que, a partir do enquadramento, alguns elementos da realidade seriam salientados e, outros, escondidos, produzindo “regiões de sombra” (FABRINO; SIMÕES, 2012, p.193, ênfase retirada). Da mesma maneira, Robert Entman define que:

enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado. (Entman, 1993, p.52)

Ao resgatar os autores mencionados, Ricardo Fabrino e Paula Guimarães Simões ressaltam que os enquadramentos permitiriam, então, “compreender uma interpretação proposta em detrimento de outras” (2012).

William A. Gamson e Andre Modigliani propõem, ao tratar de enquadramento, o que seria um “conjunto de *pacotes interpretativos* que dão sentido a algo” (GAMSON, MODIGLIANI; 1989, tradução da autora). Segundo eles, esses pacotes interpretativos se constituiriam em torno de uma “ideia central organizadora” que sugeriria determinadas produções de sentido. Assim, os autores propõem um método

denominado “matriz de assinatura” (*signature matrix*), utilizado para analisar enquadramentos e distinguir os elementos que caracterizam cada *pacote interpretativo*, por meio de dispositivos simbólicos, como metáforas e frases de efeito:

um pacote oferece uma série de símbolos de condensação que sugerem o enquadramento central e as posições em estenografia, tornando possível exibir o pacote como um todo com uma metáfora hábil, frase de efeito ou outro dispositivo simbólico. (GAMSON; MODIGLIANI, 1989, tradução da autora)

Em abordagem aproximada à de Gamson, Todd Gitlin entende enquadramentos como “recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos” (PORTO, 2004):

Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira. (GITLIN, 1980, p. 7 apud PORTO, 2004, p.6).

Nesse sentido, Mauro Porto destaca que “Efeitos de formulação podem ocorrer sem ninguém ter consciência do impacto do enquadramento adotado”, e que, por isso, “Enquadramentos são, portanto, importantes instrumentos de poder” (PORTO, 2004, p.6).

Neste trabalho, pretende-se utilizar o conceito de forma a distinguir os quadros de sentido pretendidos e produzidos nos textos editoriais de *O Estado de S. Paulo* sobre Lula, assim como os recursos e dispositivos utilizados para tal, observando padrões e recorrências de enquadramentos que sugerem determinada ideia central. Além disso, entende-se a influência desses enquadramentos para a formulação de interpretações externas, por parte dos interlocutores — nesse caso, os leitores do jornal.

3. Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir da metodologia proposta pela Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*), por Glaser & Strauss (1967). A ideia central desta teoria se baseia em uma inversão da lógica de pesquisa hipotético-

dedutiva, na medida em que propõe que a elaboração teórica se realize a partir da observação dos dados empíricos, sem que haja necessariamente uma hipótese formulada previamente a essa observação. O método elaborado pelos autores possui caráter essencialmente indutivo e sugere uma análise qualitativa do *corpus* de referência — “trata-se de uma perspectiva exploratória, na qual as hipóteses e as formulações teóricas são mais geradas do que verificadas” (CAPPI, 2014).

A Teoria Fundamentada nos Dados se estrutura a partir de três etapas fundamentais: codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva, tendo sido as três aplicadas a esta análise. Na primeira etapa, de codificação aberta, foram observados diversos elementos da composição dos editoriais e, a partir deles, foram criadas uma série de categorias e subcategorias de enquadramentos identificados como reincidentes, porém de caráter bastante específico, realizando agrupamentos dos recortes que remetessem a um mesmo universo de sentido. Na segunda etapa, de codificação axial, buscou-se realizar uma aproximação entre as categorias previamente definidas na primeira etapa, observando, entre elas, correlações e pontos em comum relacionados aos sentidos e interpretações produzidos pelos enquadramentos, reduzindo o número de categorias para agrupamento dos recortes. Na última etapa, de codificação seletiva, as categorias e os recortes agrupados foram novamente observados e reduzidos, e as dimensões comuns a todos eles foram articuladas para o desprendimento da narrativa central a partir da qual se estruturam os enquadramentos.

Chegou-se, por fim, a quatro categorias de enquadramento, guiadas por uma ideia central comum: nos editoriais, é recorrente que Lula seja enquadrado como: 1) Mentiroso e Enganador; 2) Incompetente, Inapto e Irresponsável; 3) Autoritário e Egoísta e 4) Eleito Ilegitimamente. A essas categorias, a narrativa comum advém da ideia de *desqualificação* do indivíduo, em âmbitos diversos. Observou-se que, para a construção dessa narrativa, foram utilizados dispositivos simbólicos da linguagem, assim como propõe Gamson e Modigliani (1989), com o uso de uma série de adjetivos negativos e termos pejorativos para referir-se a Lula.

O acesso aos textos se deu por meio do acervo digital do próprio jornal *O Estado de S. Paulo*, buscando pela palavra-chave “Lula” e aplicando os filtros

correspondentes aos anos propostos para análise — 2002, 2006, 2022 —, juntamente ao filtro pelo caderno “editorial”.

4. Análise dos editoriais

Assim como apresentado anteriormente, foram definidas quatro categorias que estruturam a organização e o agrupamento dos recortes que remetam a um mesmo universo de sentido, com a intenção de demonstrar a recorrência de determinados enquadramentos nas páginas dos editoriais do jornal. As categorias, no entanto, estabelecem inter-relações constantes, muitas vezes dialogando entre si na direção de uma mesma ideia central, ou reforçando o que a outra propõe.

A primeira categoria, relativa ao enquadramento de Lula como *Mentiroso e Enganador*, advém da observação de um tipo de atribuição comum aos anos analisados, em que o jornal reproduz de maneira recorrente a ideia de que Lula finge ser algo que não é com a intenção de enganar o eleitorado. O jornal estrutura a suposição de que existiria uma separação entre o Lula *real/ verdadeiro* e uma personalidade falsa produzida pelo marketing de sua campanha, reforçando repetidamente a ideia de que ele esconderia suas verdadeiras intenções e posicionamentos para conseguir se eleger, apresentando propostas políticas que não teria a intenção de cumprir. Por meio deste enquadramento, o *O Estado de S. Paulo* sugere que Lula esconde sua *real* personalidade, que seria marcada, na verdade, por uma série de atributos negativos que o jornal procura salientar em seus textos, como é demonstrado nas categorias seguintes.

A segunda categoria, que agrupa as atribuições de *Incompetente e Irresponsável* a Lula, diz respeito a sua aptidão para governar. Foi observado que, em um processo de deslegitimação dos posicionamentos ou medidas políticas de Lula que são contrários àqueles defendidos tradicionalmente pelo jornal, o político é associado a atributos de irresponsabilidade, incompetência, incapacidade ou inaptidão. Essa associação ocorreu mesmo antes de sua primeira eleição, em 2002, e permaneceu recorrente nos outros anos. Observou-se, também, que o posicionamento de Lula em relação a políticas econômicas — um dos principais pontos de discordância de *O Estado de S. Paulo* — é muitas vezes utilizado pelo jornal

para fundamentar essas atribuições, admitindo como irresponsabilidade ou incompetência aquilo que não vai de acordo com o que o veículo consideraria ideal.

Na terceira categoria, foram reunidos recortes que atribuem a Lula caráter *Autoritário e Egoísta*. Dentro destes recortes, também recorrentes a cada um dos anos, observou-se que o jornal reitera em muitos de seus editoriais uma suposta obsessão de Lula pelo poder, que o levaria a agir de maneira falsa, enganosa ou irresponsável com o objetivo de ser eleito ou se manter no governo — a isso associa-se também à ideia de que Lula estaria sempre em busca de seus interesses próprios em detrimento do interesse da população. É associada à imagem de Lula a ideia de um líder supremo do Partido dos Trabalhadores, que imporá temor e submissão aos seus aliados e que não tolera ser questionado ou contrariado. Ainda relacionado a esse atributo estaria a alegação de existir um objetivo permanente de perpetuação do poder do governo nas mãos de Lula e do Partido dos Trabalhadores, que teriam, por trás disso, intenções antidemocráticas de implementação de um plano ideológico que, no entanto, o jornal não chega a definir de maneira clara. Além disso, são feitas comparações entre Lula e a ditadura militar brasileira que sugerem, também, uma aproximação do político com tendências autoritárias, em alguns momentos insinuando que Lula — preso político durante o governo militar — teria algum tipo de estima com esse período. Nos editoriais de 2022, o jornal também estabelece essa associação com o autoritarismo recorrendo a comparações entre Lula e Jair Bolsonaro, político com discurso abertamente golpista e antidemocrático.

A quarta e última categoria reúne trechos em que *O Estado de S. Paulo* parece negar a legitimidade do posicionamento de Lula em pesquisas pré-eleitorais ou dos resultados obtidos por ele ao longo das eleições. A negação dessa legitimidade se dá, principalmente, por meio do argumento de que a população votaria em Lula por ignorância ou por ter se esquecido de qual seria seu *verdadeiro* caráter. Em alguns momentos, ao elaborar esse discurso, o jornal se baseia inclusive em fundamentos xenofóbicos e preconceituosos em relação à população de alguns estados do país, afirmando que a população de estados mais pobres, em que Lula costuma ter melhor desempenho, votaria nele por conta do baixo desenvolvimento humano da região em que vive, que a tornaria incapaz de escolher, segundo o jornal, quem seria o melhor

candidato — nesse caso, ignora-se que esses votos poderiam se dar, justamente, pela consciência a respeito das prioridades políticas de Lula.

Foram reunidos, abaixo, os recortes agrupados em cada uma das categorias:

4.1. Categoria 1: Mentiroso e enganador

Em editorial de 24 de maio de 2002, o jornal sugere a “existência de dois Lulas”, propondo uma diferenciação entre o que seria o “artigo genuíno” e “aquele que quer passar pelo que não é”, que, segundo o jornal, teria “tanta autenticidade como um rolex vendido no camelódromo”, em referência à venda de produtos falsificados que imitam aquilo que é produzido por caras marcas de renome e que são vendidos com preços extremamente inferiores. De maneira semelhante, em 8 de abril de 2022, cerca de 20 anos depois, em editorial de título “Lula em estado bruto”, o jornal escreve que “bem distante da imagem moderada que pretendia vender ao eleitorado, Lula, o *verdadeiro*, aposta no rancor e na divisão da sociedade” (destaque da autora), sugerindo a existência de um Lula *verdadeiro* que se esconde por trás de uma imagem mentirosa projetada por ele.

Em 2002, foram recorrentes os comentários do jornal a respeito das mudanças admitidas por Lula em relação a eleições anteriores, muitas vezes sugerindo que essas mudanças seriam apenas simuladas por sua campanha com finalidades eleitorais e que, na verdade, ele manteve e manterá, na prática, os mesmos posicionamentos políticos e comportamentos que marcaram as disputas prévias. Em 24 de maio de 2002, *O Estado de S. Paulo* diz que “A grande mudança de Lula foi de marqueteiro” e, então, realiza a seguinte afirmação a respeito do uso do termo “sistema econômico” ao invés de “modelo econômico” por Lula em entrevista a uma rádio durante o período eleitoral:

Uma interpretação psicanalítica do uso do termo “sistema econômico” por Lula compararia o candidato ao cientista alemão do filme *Dr Strangelove*, de Stanley Kubrick, que, aparentemente regenerado e trabalhando para o governo americano, não consegue sopitar à compulsão profunda que o assalta frequentemente de erguer o braço direito para fazer a saudação nazista. Do mesmo modo, o lapso freudiano do presidenciável trairia uma recôndita e inabalável aversão ao sistema capitalista — o proverbial lobo em pele de cordeiro. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2002, p.a3).

Neste trecho, além de comparar o posicionamento político de Lula antes das eleições de 2002 à ideologia nazista, sugere que ainda que ele propusesse novos posicionamentos, ele estaria sempre tendente a retornar a suas *ideologias* iniciais, mesmo que inconscientemente. Além disso, a referência ao ditado “lobo em pele de cordeiro”, utilizado para designar alguém ou algo que aparenta ser melhor do que realmente é, atribui novamente caráter de falsidade a ele. A expressão indica também uma pessoa perigosa, ardilosa.

Em seguida, em 29 de maio de 2002, o jornal comenta a fala de Lula em relação às alterações que sofreram os partidos e ele mesmo ao longo das eleições anteriores em que ele concorreu, afirmando que: “O penteado de Lula mudou. O seu alfaiate mudou. O script de seus discursos mudou. Lula, no entanto, é cada vez mais o mesmo”, sugerindo que o candidato teria alterado apenas a imagem que projeta para o público. Em 02 de outubro do mesmo ano, em editorial de título “A inoportuna soberba de Lula”, o jornal afirma novamente haver “dúvidas sobre a autenticidade de sua mutação”.

Foram identificados também trechos que afirmam mais diretamente a ideia de que Lula mente ou engana o eleitorado. Em 22 de outubro de 2002, o jornal define as críticas de Lula ao governo de Fernando Henrique Cardoso ao longo dos debates pré-eleitorais como “ladainha que oscila entre a simplificação e a pura e simples inverdade”. Em 29 de abril de 2006, quando Lula já era presidente e concorria à reeleição, *O Estado de S. Paulo* se refere a ele como “o grão-farsante do Planalto” e diz que “a ele só interessa que a fantasia não se rasgue antes da eleição”, sugerindo novamente que ele projetava uma imagem falsa para o público com fins de se eleger e que, após eleito, ele passaria a expor suas *verdadeiras* propostas políticas. Além disso, o editorial de 30 de junho do mesmo ano conta com o seguinte trecho:

A cada dia, o candidato se mostra mais esquecido de que é presidente de todos os brasileiros e que um mínimo de circunspeção deve temperar o desfrute do poder — e a expectativa de um novo mandato. Aplica-se a ele, em todo caso, o dito de Churchill sobre a *impossibilidade de enganar a todos o tempo todo*. (O ESTADO DE S. PAULO, 2002, p. a3, destaque da autora)

Nesta passagem, sugere-se uma suposta intenção de Lula em enganar o eleitorado.

A respeito de seu comprometimento em fazer cumprir suas propostas políticas, em 22 de outubro de 2002 *O Estado de S. Paulo* afirma haver “insegurança (...) em relação à consistência dos compromissos que ele vem de reiterar”. Em 2022, no dia 13 de maio, o jornal afirma que o posicionamento de Lula em relação à política do teto de gastos públicos seria “uma ameaça sobretudo aos mais pobres, *que ele jura defender*” (destaque da autora), sugerindo que seu comprometimento político com a população pobre poderia não ser verdadeiro. Já em 15 de maio de 2022, o jornal afirma que “Lula faz o eleitor de bobo”.

4.2. Categoria 2: Incompetente e irresponsável

Em 24 de maio de 2002, o jornal afirma que “o Lula que quer ser palatável consegue apenas mostrar-se *contraditório e inconfiável*”. Em 06 de julho do mesmo ano, diz que “Lula não sabe como funciona um governo”, e afirma que ele possui “absoluta *incapacidade* de adaptar-se ao toma-lá, dá-cá indissociável do jogo político em qualquer democracia”.

Em editorial de 02 de fevereiro de 2002, observa-se a seguinte passagem:

Enquanto Lula não compreender que o país pode conviver harmonicamente com o capital estrangeiro e com os interesses específicos — seja no comércio, seja na política — de outros países, sem que isso signifique submissão, *não terá condições de governar um país*. (O ESTADO DE S. PAULO, 2002, p. a3, destaque da autora)

Neste trecho, *O Estado de S. Paulo* aponta que ele seria incapaz de governar devido a um posicionamento relacionado a políticas econômicas que é contrário ao que o próprio jornal defende.

No dia 09 de março de 2006, em editorial de título “Errando até quando acerta”, o *O Estado de S. Paulo* trata da execução de Parcerias Público Privadas (PPPs) durante o governo de Lula como “um exemplo perfeito da *incapacidade* administrativa e operacional do governo”, na medida em que argumenta que o presidente deveria ter realizado um número maior de PPPs do que realizou e que, por isso, teria demonstrado “*incapacidade* (...) de utilizar com um mínimo de eficiência os poucos recursos disponíveis”. Tal incapacidade se daria, novamente, pelo fato de que, na

visão do jornal, um número maior de PPPs deveriam ser prioridade para o governante.

Ainda em 2006, no dia 10 de outubro, o jornal afirma que “três anos e nove meses de governo Lula foram mais que suficientes para não deixar dúvidas sobre o seu *escasso preparo* para conduzir um país como o Brasil”. No editorial “Votos não forjam liderança”, de 19 de novembro do mesmo ano, questiona-se a capacidade de liderança de Lula, sugerindo que “Lula não exerce verdadeira liderança nem dentro de seu governo” e que “Por preguiça ou inépcia no manejo das rédeas, o presidente perdeu controle sob a base aliada”. Essas afirmações contradizem outras realizadas pelo próprio jornal, que muitas vezes se refere a Lula como líder supremo do PT, a quem ninguém ousaria discordar, como será exposto posteriormente.

Da mesma maneira, em 2022, no dia 17 de fevereiro, o *O Estado de S. Paulo* publica editorial com o título “Lula promete o atraso”, em que defende a necessidade de uma agenda reformista pós governo Bolsonaro e alega que, por isso, Lula não seria o candidato adequado para eleição em 2022, visto que, segundo o editorial, ele não teria interesse nem disposição para realizar reformas. No mesmo texto, o jornal afirma que ele estaria dotado de uma “irresponsabilidade demagógica” e que elegê-lo levaria ao “retrocesso e destruição do futuro”. Em 31 de maio, em editorial a respeito das políticas econômicas defendidas por Lula — que se opõem àquelas que interessam a empresa *O Estado de S. Paulo* —, o jornal torna a fazer uma associação parecida, ao atribuir a Lula um “compromisso com o atraso”, igualmente ao que teria sido dito pelo jornal em 2006, no dia 30 de junho, ao afirmar que, ao apoiar movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e defender a agricultura familiar em preferência ao agronegócio, o governo estaria favorecendo “as forças do atraso”, dando “apoio explícito às invasões de terra e à violência” e priorizando uma “atividade ineficiente e atrasada” em lugar de uma “produção moderna e competitiva”.

De forma semelhante, em 06 de março de 2022, ao traçar uma comparação de Lula com Jair Bolsonaro — dois candidatos ideologicamente opostos e que realizaram governos e políticas de todo contrárias —, o jornal afirma que: “Bolsonaro, cuja Presidência representa um retrocesso histórico, diz ao mercado que *a vitória de Lula*

seria a vitória do atraso. Fato: um e outro são o que há de pior”. Além disso, ao repetir comparação entre eles, em 31 de março de 2022, em editorial de título “Lula promete arruinar Petrobrás”, afirma-se que “Lula da Silva falando sobre como a Petrobras deve funcionar é o equivalente a Jair Bolsonaro discorrendo sobre melhores práticas em defesa dos direitos humanos”. Neste trecho, o jornal afirma que Lula não seria capaz de realizar proposições eficientes a respeito da estatal Petrobrás, comparando seu posicionamento em relação às políticas econômicas relacionadas à empresa à recorrente violação de Bolsonaro aos direitos humanos em seus discursos e atitudes políticas. Ainda, em 13 de maio de 2022, o jornal publicou editorial com o título “Lula anuncia que será *irresponsável*”, atribuindo *irresponsabilidade* ao fato de Lula se posicionar contra a política de teto de gastos públicos, considerada ideal na visão do jornal — insinuando novamente que não concordar com o mesmo posicionamento do jornal seria sinônimo de irresponsabilidade ou incapacidade.

4.3. Categoria 3: Autoritário e Egoísta

Em 05 de setembro de 2002, no editorial de título “Afinidade Ideológica”, o jornal sugere uma afinidade entre Lula e o regime ditatorial militar. Neste texto, é dito que “Luiz Inácio Lula da Silva tem pelo regime militar — durante o qual ele foi preso e muitos de seus companheiros de luta sindical conheceram destino pior — uma *admiração incontida*” (destaque da autora) e que ele sentiria “*saudades dos velhos tempos*” (destaque da autora). Além disso, afirma que “Lula *admira* os governos militares”, e que tal afinidade ideológica se daria por concordâncias relacionadas a políticas econômicas e pela “busca da autarquia”, que seriam “características típicas do nacionalismo exacerbado”, apresentadas, segundo o jornal, tanto por Lula quanto pelos governantes do regime ditatorial brasileiro. Ainda, em 02 de dezembro de 2006, no editorial “A doença infantil da diplomacia”, o jornal estabelece uma associação entre o que ele atribui ser uma falha nas políticas diplomáticas de Lula com falhas nas políticas diplomáticas estabelecidas no regime militar, ainda que tais políticas não se aproximem em suas medidas.

Da mesma maneira, em 31 de agosto de 2006, o jornal afirma que “suspensa a censura do regime militar, foi somente no governo Lula que se tentou, por duas vezes (e mais uma terceira, como veremos), criar-se limitações à plena liberdade de expressão, sob diferentes roupagens ou disfarces”. Igualmente, em 19 de novembro de 2006, no editorial “Aparelhar mais?!”, o jornal atribui a Lula um suposto “ânimo de autoritarismo censório”.

Em editorial de 06 de julho de 2002, encontram-se trechos que se referem a um “temor reverencial que ele sempre inspirou nos companheiros, os quais jamais ousam contestá-lo”, características típicas de um líder autoritário, atribuídas a Lula. Da mesma maneira, em 02 de outubro de 2002, no editorial de título “A inoportuna soberba de Lula”, o jornal diz que o político “precisa cuidar, com urgência, do seu *ego inflado*”, atribuindo a ele um suposto ego inflado após um conflito com o mercado, que o pressionava para definir os nomes da equipe econômica do governo que iniciaria em 2003.

Em 29 de maio de 2002, o jornal afirmou que as críticas de Lula em relação à imprensa e, mais especificamente, ao próprio *O Estado de S. Paulo*, revelariam “um certo vezo censório” por parte do então candidato à presidência. No mesmo editorial, é afirmado, ainda, que as lideranças do Partido dos Trabalhadores (PT) — em clara referência a Lula — não admitiriam “qualquer desvio da linha justa do partido”, se referindo, também, a uma suposta “disciplina ideológica que o PT impõe a seus seguidores”.

Em 30 de junho de 2006, *O Estado de S. Paulo* afirma, a respeito de Lula, que: “o que tem o impedido de governar, supondo que tivesse apetite e aptidão para tal, é a *obsessão reeleitoral*, que o acompanha e guia os seus passos desde que colocou os pés no planalto” e, em 18 de outubro do mesmo ano, o jornal se refere a um suposto plano de “perpetuação do PT no poder”. Ainda, em 01 de outubro de 2006, data do primeiro turno das eleições presidenciais daquele ano, o jornal publicou editorial de título “Dever cívico”, em que aponta uma série de motivos para não votar em Lula e convoca seus leitores para “reagir” nas urnas: “Tudo o que fez, durante seu governo — a começar pelos discursos de cada dia —, teve como *objetivo esticar o mandato* por mais quatro anos — seus companheiros de copa e cozinha ainda alimentam

planos para ficar pelo menos 20 anos no poder” (destaque da autora) e menciona um suposto “plano de conquista e manutenção do poder”. Nestes trechos, novamente o jornal insinua haver um plano antidemocrático que visaria a perpetuação de Lula no poder e a implementação de uma agenda ideológica, que não é definida pelo veículo.

No editorial “Voltando com tudo”, de 02 de dezembro de 2006, a respeito de atos de ocupação do MST, o jornal afirma que “quanto mais atrevido o ato de desrespeito à lei, mais rapidamente o governo atende às reivindicações”. Ao MST, o jornal se refere da seguinte maneira: “capazes de desmoralizar (ainda mais) os poderes constituídos da República, o que, no fundo, sempre foi seu principal objetivo político-ideológico, embora disfarçado de luta pela reforma agrária”. Em seguida, reafirma a aproximação de Lula com o movimento, insinuando um “objetivo político-ideológico” autoritário comum entre os dois, projetando caráter mentiroso sobre o movimento e sobre Lula. Em 06 de fevereiro de 2022, é publicado editorial com o título “O mal que Lula faz à oposição”, em que o jornal afirma que que “o PT é *inimigo da esquerda democrática e responsável*. Com sua *pretensão de hegemonia*, dificulta e, muitas vezes, inviabiliza o debate de políticas mais sérias à esquerda”, alegando que Lula lutaria por uma “causa pessoal” direcionada a uma supostamente pretendida “hegemonia de Luiz Inácio Lula da Silva”. Da mesma maneira, em 16 de abril de 2022, o jornal alega que a proposta de frente ampla democrática para as eleições de 2022 seria apenas uma estratégia de Lula para conquistar “hegemonia”.

Em 28 de janeiro de 2022 é publicado editorial de título “O mal que Lula faz à democracia”, em que, novamente, insinua-se uma forma de conspiração antidemocrática e ideológica de Lula e PT, que permaneceria mesmo nos momentos em que o partido esteve distante do poder: “A atuação antidemocrática de Lula continuou após a saída do PT do governo federal”. No mesmo texto, o jornal afirma que “quanto pior para o país, melhor para Lula” e se refere, então, a uma suposta “tradição antidemocrática” do Partido dos Trabalhadores. Em 03 de junho de 2022, em editorial de título “É isto um democrata?”, o jornal alega que o fato de Lula ter brincado com um possível fim do PSDB, em um contexto em que o partido — que representa tradicionalmente a oposição ao PT e a Lula — passava por crises internas, demonstraria um caráter autoritário e antidemocrático, insinuando que, com isso, ele

quis dizer que desejava o fim da oposição a ele: “Lula pretende se apresentar como ‘salvador da democracia’ no país, mas sua *natureza autoritária* se impõe, ao debochar do PSDB e da inteligência do eleitor”.

No editorial de 28 de março de 2022, “O ‘povo’ segundo Lula”, afirma-se que determinada resolução do Diretório Nacional do PT “reitera autoritarismo da legenda” e que “trata Lula como a encarnação do povo brasileiro”. Em 08 de abril, no editorial “Lula em estado bruto”, o jornal sugere um suposto ódio de Lula à classe média: “O ódio petista à classe média é velho conhecido”. Em 13 de fevereiro de 2022, o jornal havia sugerido, em editorial de título “O mal que Lula faz ao Estado”, que “Lula sempre buscou um Estado inchado, que pudesse dar emprego aos companheiros, e submisso, que estivesse disponível para atender interesses pessoais e partidários”.

4.4. Categoria 4: Eleito Ilegitimamente

Em 27 de maio de 2006, o *O Estado de S. Paulo* publicou editorial de título “As razões do favoritismo”, com a intenção de explicar o motivo pelo qual Lula, então presidente, estaria em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto para as eleições que ocorreriam no mesmo ano. Neste texto, o jornal afirma: “Nenhuma surpresa, portanto, o fato de que a intenção de voto em Lula, registrada pelas pesquisas, seja mais frequente quanto menor a renda familiar e a escolaridade dos entrevistados, e que, geograficamente, o seu pior desempenho seja no próspero sul”, se referindo, ainda, a parte seu eleitorado como “clientela da Bolsa Família”.

Da mesma maneira, em 03 de outubro de 2006, logo após o primeiro turno das eleições presidenciais que levariam Lula à disputa de segundo turno com Geraldo Alckmin e, posteriormente, à vitória eleitoral, o jornal publicou editorial de título “Por que Lula não levou”, em que afirma o seguinte:

Nos oito Estados com os melhores indicadores sociais, conforme o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU, Alckmin só não venceu no Rio de Janeiro. E em nenhuma parte Lula chegou na frente com tão esmagadora vantagem como no Amazonas (12º mais baixo IDH do País) e no Maranhão (27º e último). Em resumo, *pode-se dizer que Alckmin ganhou no Brasil que sustenta o governo federal e perdeu no Brasil que é sustentado pelo governo federal*. No eleitorado do Brasil desenvolvido calaram fundo os dois eventos singulares que ao fim e ao cabo privaram o presidente do êxito definitivo que lhe parecia plenamente assegurado. (O ESTADO DE S. PAULO, 2006, p. a3, destaque da autora)

Neste trecho, o jornal descredibiliza a validade dos votos em alguns Estados, como se aqueles advindos das regiões economicamente mais desenvolvidas fossem mais relevantes ou válidos do que aqueles relativos aos Estados com menor desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a fala do jornal parece emitir uma manifestação preconceituosa e xenofóbica em relação a algumas regiões do país, e insinua que, pelo fato de ter alcançado maior popularidade nessas regiões, os votos obtidos por Lula seriam, de alguma maneira, menos válidos ou legítimos.

Em 2022, no dia 28 de janeiro, o jornal argumenta que o bom posicionamento de Lula nas pesquisas relativas às eleições do mesmo ano se daria pelo fato de que “parte do eleitorado está se esquecendo de quem é Lula”, como se a escolha de votar em Lula não pudesse se dar de maneira consciente e racional. Igualmente, no dia 30 do mesmo mês, no editorial “Lula esquece, o país lembra”, o jornal volta a reafirmar a tese de que ele seria maioria nas pesquisas por ignorância da população, e não por realmente quererem que Lula seja eleito novamente.

5. Conclusões

A partir da observação dos textos editoriais de *O Estado de S. Paulo* e da elaboração das categorias de enquadramento recorrentes e reincidentes aos anos analisados, foi possível concluir que o jornal elabora seus discursos a respeito de Lula em torno de uma concepção central que se mantém, de certa forma, constante. Essa concepção, para a qual está direcionada de maneira comum cada uma das categorias propostas, se daria em torno da ideia de total desqualificação de Lula como indivíduo, político e governante, e seria reiterada e reforçada pelos enquadramentos a partir de aspectos e dispositivos que se complementam. Logo, propõe-se que, a partir dos elementos observados, a forma como o jornal estrutura, reitera e mantém um mesmo discurso, a partir dos mesmos dispositivos, nos três anos considerados, revela uma certa obsessão de *O Estado de S. Paulo* em relação a Lula, em uma tentativa inconstante e constante de prejudicar sua imagem perante os leitores do jornal.

Elementos que direcionam para essa conclusão dizem respeito ao fato de que, ainda que os anos analisados (2002, 2006 e 2022) representem um intervalo de tempo

considerável, marcado por diversas alterações no cenário político do país e na trajetória de Lula, o jornal não parece refletir mudanças e alterações em seu discurso, e sim apenas adaptar uma mesma perspectiva central a cada um dos contextos — o que demonstra que essa perspectiva seria, na verdade, um pressuposto que antecede qualquer um dos acontecimentos tratados e que é utilizado como ponto de partida para a estruturação discursiva, independente das condições situacionais.

Nesse caso, o título “Errando, até quando acerta”, do editorial do dia 09 de março de 2006, parece sintetizar de maneira eficiente o que propõe esse argumento, na medida em que demonstra a assunção, por parte do próprio jornal, de que não existem margens para que essa perspectiva a respeito de Lula se altere, de maneira que, independente do que fizer o político, sua desqualificação seria um pressuposto fixo. A isso, complementa-se o fato de que tal perspectiva se manifesta ainda em 2002, antes de Lula ser efetivamente eleito e de se conhecer sua primeira experiência como governante, funcionando como uma espécie de presságio para algo que seria concretizado, confirmado e reforçado pelo jornal ao longo dos anos seguintes.

Agradecimentos

Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Referências

- A doença infantil da Diplomacia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 02 dez. 2006. Editorial, página A3.
- A frente ‘ampla’ que só tem o PT. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 16 abr. 2022. Editorial, página A3.
- A inoportuna soberba de Lula. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 02 out. 2002. Editorial, página A3.
- A penúria da política. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2006. Editorial, página A3.
- A reativação da indústria naval. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 01 set. 2002. Editorial, página A3.
- Afinidade Ideológica. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05 set. 2002. Editorial, página A3.
- Agricultura Ameaçada. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 jun. 2006. Editorial, página A3.
- Aparelhar mais?!. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 nov. 2006. Editorial, página A3.

As razões do favoritismo. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 mai. 2006. Editorial, página A3.

Baixar o juro para baixar os preços. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 24 mai. 2002. Editorial, página A3.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil. Editora Contexto, 2017. p. 57-90; p.117-146.

CAPPI, Ricardo. Pensando as respostas Estatais às condutas criminalizadas: um estudo empírico dos debates parlamentares sobre a redução da maioria penal (1993 - 2010). Revista de Estudos Empíricos em Direito Brazilian Journal of Empirical Legal Studies vol. 1, n. 1, jan 2014, p. 10-27.

Complexo de inferioridade. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 02 fev. 2002. Editorial, página A3.

Dever cívico. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 01 out. 2006. Editorial, página A3.

É isto um democrata?. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 03 jun. 2022. Editorial, página A3.

ENTMAN, Robert M. “Framing: toward a clarification of a fractured paradigm”. Journal of Communication, 1993.

Epitáfio para um partido. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 abr. 2006. Editorial, página A3.

Errando, até quando acerta. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 09 mar. 2006. Editorial, página A3.

ETTEMA, James S.; GLASSER, Theodore L. Custodians of Conscience: Investigative Journalism and Public Virtue. New York: Columbia University Press, 1998.

GAMSON, William A.; MODIGLIANI, Andre. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach. American Journal of Sociology, Vol. 95, No. 1 (Jul., 1989), pp. 1-37.

GITLIN, Todd. (1980), The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press.
Lamentação de fachada.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 de junho de 2006. Editorial, página A3.

Grupo Estado. Código de Conduta e Ética. O Estado de S. Paulo. São Paulo. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/codigo-etica/codigo-de-etica.pdf>. Acesso em: 18 ago. de 2022

Lamentação de fachada. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 jun. 2006. Editorial, página A3.

Lula anuncia que será irresponsável. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 mai. 2022. Editorial, página A3.

Lula e a autocrítica de Mercadante. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 mai. 2002. Editorial, página A3.

Lula e a mídia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 de agosto de 2006. Editorial, página A3.

Lula em estado bruto. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 08 abr. 2022. Editorial, página A3.

Lula esquece, o país lembra. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 jan. 2022. Editorial, página A3.

Lula faz o eleitor de bobo. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 mai. 2022. Editorial, página A3.

Lula não quer saber de debate. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 mai. 2022. Editorial, página A3.

Lula promete arruinar a Petrobrás. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 mar. 2022. Editorial, página A3.

Lula promete o atraso. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 17 fev. 2022. Editorial, página A3.

MENDONÇA, Ricardo F.; SIMÕES, Paula G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 27, núm. 79, junho de 2012, pp. 187-201. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais São Paulo, Brasil.

MOUILLAUD, Maurice. (2002), O jornal: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília, Editora da UnB.

No que o PT é diferente . O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 out. 2006. Editorial, página A3.

O Lula autêntico e o 'dr. Strangelove'. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 24 mai. 2002. Editorial, página A3.

O mal que Lula faz à democracia . O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28 jan. 2022. Editorial, página A3.

O mal que Lula faz à oposição. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 6 fev. 2022. Editorial, página A3.

O mal que Lula faz ao Estado. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 fev. 2022. Editorial, página A3.

O que o debate deixou claro. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 10 out. 2006. Editorial, página A3.

O que os mercados temem. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 jul. 2002. Editorial, página A3.

O roto e o rasgado. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 mar. 2022. Editorial, página A3.

O 'povo' segundo Lula. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28 mar. 2022. Editorial, página A3.

Por que Lula não levou. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 3 out. 2006. Editorial, página A3.

PORTO, Mauro. (2004), "Enquadramentos da mídia e política", in A. A. C. Rubim (org.), Comunicação e política: conceitos e abordagens, Salvador/São Paulo, Edufba/Editora da Unesp.

Procurando os motivos para otimismo. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 22 out. 2002. Editorial, página A3.

Voltando com tudo. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 02 dez. 2006. Editorial, página A3.

Votos não forjam liderança. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 nov. 2006. Editorial, página A3.